

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS-UFMG

Faculdade de Letras – FALE

Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de
Ensino de Leitura e Produção de Textos-PROLEITURA

Bruna Carla dos Santos

**DA DIFERENÇA A SEMELHANÇAS EM CONTOS DE CUTI
(LUIZ SILVA) E LIMA BARRETO.**

Belo Horizonte

2023

Bruna Carla dos Santos

**DA DIFERENÇA A SEMELHANÇAS EM CONTOS DE CUTI
(LUIZ SILVA) E LIMA BARRETO.**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Especialização em Língua
Portuguesa: Teorias e Práticas de
Ensino de Leitura e Produção de
Textos-PROLEITURA.

Profa. Dra.Aline Magalhães Pinto

Belo Horizonte

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS FACULDADE

DE LETRAS

ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: Teoria e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos.

ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DA ALUNA BRUNA CARLA DOS SANTOS

Realizou-se, no dia 08 de maio de 2023, às 10:30 horas, de forma remota, a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *Da diferença às semelhanças em contos de Cuti (Luiz Silva) e Lima Barreto*, apresentado por BRUNA CARLA DOS SANTOS, número de registro 2021710615, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, perante a seguinte Comissão Examinadora: Profa. Aline Magalhães Pinto - Orientadora, Prof. Breno Anderson Souza de Miranda, Profa. Isadora Saraiva Vianna de Resende Urbano.

A Comissão considerou o Trabalho:

Aprovado

Reprovado

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 08 de maio de 2023

Profa. Aline Magalhães Pinto (Doutora)

Prof. Breno Anderson Souza de Miranda (Mestre)

Profa. Isadora Saraiva Vianna de Resende Urbano (Mestre)



Documento assinado eletronicamente por **Aline Magalhaes Pinto**,
Professora do Magistério Superior, em 08/05/2023, às 15:13,
conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do
[Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Breno Anderson Souza de Miranda, Usuário Externo**, em [08/05/2023, às 18:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº10.543, de](#)

[13 de novembro de 2020.](#)



Documento assinado eletronicamente por **Isadora Saraiva Vianna de Resende Urbano, Usuária Externa**, em 08/05/2023, às 19:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.](#)



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2246941** eo código CRC **92FFC199**.

Referência: Processo nº 23072.206750/2023-40SEI nº 2246941

https://sei.ufmg.br/sei/controlador.php?acao=documento_imprimir_web&acao_origem=arvore_visualizar&id_documento=2423401&infra_sistema...

*Aos meus queridos(as) avós, Afonso Gonçalves Neves e Geni Gonçalves Neves
(in memoriam), que se estivessem vivos estariam felizes por este grande momento
de minha vida.*

RESUMO

A produção literária dos brasileiros afrodescendentes sempre me chamou a atenção, enquanto estudante do curso de Letras, motivando indagações a respeito dessa literatura, assim me propus a fazer um estudo com intuito de conhecê-la melhor. E, ainda neste caminho, sempre quis saber quais os motivos que faziam com que muitos escritores e escritoras afrodescendentes, que há tempo estão produzindo seus trabalhos, não sejam conhecidos do público leitor. Pensando nestas questões, proponho pesquisar sobre os autores Cuti, pseudônimo de Luiz Silva, e João Henrique de Lima Barreto, conhecido apenas como Lima Barreto. Dessa forma, iniciei meu projeto de pesquisa considerando os temas de suas escritas de uma grande relevância para pensar o passado com olhos no futuro. Os escritos de Cuti e Lima Barreto perpassam por rastros do escravagismo, assim como outros temas importantes que serviram para a construção do imaginário de suas obras.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira; Contos; Identidade.

ABSTRACT

The literary production of Afro-descendant Brazilians has always caught my attention, as a student of the Literature course, motivating inquiries about this literature, so I set out to do a study in order to get to know it better. And, still on this path, I always wanted to know the reasons why many Afro-descendant writers, who have been producing their works for a long time, are not known by the reading public. Thinking about these questions, I propose to research the authors Cuti, the pseudonym of Luiz Silva, and João Henrique de Lima Barreto, known only as Lima Barreto. In this way, I started my research project considering the themes of his writings of great relevance to think about the past with eyes on the future. The writings of Cuti and Lima Barreto run through traces of slavery, as well as other important themes that served to build the imagery of their works.

Keywords: Afro-Brazilian Literature; Tales; Identity.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	09
2. DESENVOLVIMENTO.....	Error! Bookmark not defined.1
3. O ESPAÇO AFRODESCENDENTE NA FICÇÃO DE LIMA BARRETO E CUTI.....	16
4. CONCLUSÃO.....	20
REFERÊNCIAS.....	23

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a escrita de dois grandes escritores, João Henriques de Lima Barreto, (Lima Barreto), e Cuti (pseudônimo de Luiz Silva) a partir de similitudes e diferenças que vamos apontar ao longo do trabalho. Ambos os autores mostram em suas obras um espaço afrodescendente da sociedade que é apresentada no tempo de Lima Barreto e que se re-apresenta atualizada na escrita de Cuti a figura do negro. Buscamos responder à seguinte questão: como a escrita destes dois autores podem ser consideradas legítimas partindo de suas escrevivências?¹

O conto, em seus primórdios, é caracterizado pela oralidade, era uma forma de passar experiências de uma geração para a outra. “*O contar (do latim computare) uma estória, em princípio, oralmente, evolui para o registrar as estórias, por escrito*” (GOTLIB, 2000, p.12). Essa forma de texto só adotou o sentido literário no momento em que os irmãos Grimm deram o título *Kinder-und Hausmärchen* (Contos para Crianças e Famílias) a uma coletânea de narrativas publicada em 1812. Desde então, a compilação dos Grimm ficou tão marcante que é à maneira de suas concepções que as pesquisas sobre o conto continuam sendo realizadas. Jacob Grimm, citado por André Jolles (1976), vê no conto “*um ‘fundo’ que pode manter-se perfeitamente idêntico a si mesmo, até quando é narrado por outras palavras*”. (JOLLES, 1976, p.188). Assim, a partir desta estrutura vários autores a utilizam para as suas criações literárias, como analisaremos adiante os contos dos escritores Lima Barreto e Luiz Silva, (Cuti).

Nossa hipótese interpretativa sustenta que, mesmo sendo de períodos diferentes estes dois escritores encenam em seus contos histórias de homens e mulheres negras que compartilham no seu dia a dia acontecimentos de racismo, exploração, loucura e vários temas que transitam em suas escritas.

¹ O termo “escrevivência” será utilizado, ao longo desta dissertação, com os sentidos dados por Conceição Evaristo na entrevista concedida a Eduardo de Assis Duarte (2011, p. 115). Nessa entrevista, a escritora refere-se às marcas de experiências vividas por ela em sua escrita, ressaltando: “quando escrevo, sou eu, Conceição Evaristo, eu-sujeito a criar um texto e que não desvencilho de minha condição de cidadã brasileira, negra, mulher, viúva, professora oriunda das classes populares [...], condições essas que influenciam na criação de personagens, enredos ou opções de linguagem a partir de uma história, de uma experiência pessoal que é intransferível.

Trazer à tona a escrita de Lima Barreto, é atualizar a memória deste grande escritor que mesmo tendo grandes estudos de sua obra, percebemos ainda um desafio a ser tratado que é a legitimidade de sua obra como cânone literário. Lima Barreto tem uma grande importância para a literatura, como sabemos este morreu sem o devido reconhecimento de sua escrita que ainda é colocada a parte do cânone literário, contudo sabemos de sua grandiosidade literária conforme salienta Lopes e Silva no artigo *Lima Barreto e a Literatura Afro-Brasileira: o preconceito social e étnico nas malhas da ficção*:

A contribuição de Lima Barreto para a literatura brasileira é indiscutível. Sua obra focaliza o mundo dos trabalhadores suburbanos do Rio de Janeiro – em geral pobres e descendentes de africanos, como o escritor. O desejo de retratar o que está à margem da sociedade e aqueles que lá estão impulsiona a escrita do romancista. Esse movimento de voltar-se para a periferia e de dar voz aos que nela se encontram pode ser percebido praticamente em toda a sua ficção. (LOPES, 2011, p.01)

Como citado acima, a leitura Barretiana nos permite uma vasta leitura da sociedade brasileira, pois Lima Barreto foi autor de vários livros memoráveis como: *Recordações do escrivão Isaías Caminha* 1909 (romance), *Triste fim de Policarpo Quaresma* 1915 (romance), *Numa e a Ninfa* 1915 (romance), *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* 1919. (romance), publicações póstumas: *Os Bruzundungas* 1922(sátira), *Bagatelas* 1923. (crônicas), *Clara dos Anjos* 1948 (romance), *Feiras e Mafuás* 1953. (artigos e crônicas).

E, mesmo tendo várias obras publicadas, Lima Barreto foi um escritor censurado pela sua forma crítica e realista de mostrar a realidade, pois além de ter esta visão diferenciada sobre o período o qual viveu, outro fator importante na vida de Afonso Henriques de Lima Barreto é que este terá traços da escravidão em sua história que influenciará na sua caminhada literária a qual será árdua e conturbada, mas seguirá a vida de jornalista polêmico, com presença marcante em diversos órgãos de informação; como sabemos o escritor nasceu no Rio de Janeiro, coincidentemente, em 13 de maio de 1881, setes anos da abolição da escravidão, aspecto singular, porém significativo na vida do escritor. Filho de João Henriques de Lima Barreto e Amália Augusta Barreto – ambos afrodescendentes, além disso, Lima Barreto tinha como avó uma escrava liberta,

Geraldina Leocádia da Conceição, agregada da família Pereira de Carvalho, cuja mãe, Maria da Conceição, nascera na África, tendo sido traficada para o Brasil em um navio negreiro. A figura dessa bisavó parece permear o imaginário do escritor, como destaca seu primeiro biógrafo, Francisco de Assis Barbosa, ao resgatar uma das crônicas do autor, publicada em 1918.

Outro fator importante na vida de Lima Barreto é que este participa do início da Primeira República, momento em que a nação sai do regime monárquico e tenta enquadrar-se ao modelo republicano. É exatamente nessa época que efervesce um Brasil carente de modernização, a belle époque, uma cópia dos modelos europeus e isto se reflete nos usos e costumes da elite brasileira e, por consequência, também na língua.

Mas com um olhar atento as mazelas que este “novo modelo de vida” escondia, Lima Barreto desvela em sua obra questões raciais e como principal representante, enfoca com bastante propriedade temas como preconceito e racismo associado à escravidão no Brasil. O autor descreve o tratamento dado a mulher e homem negro em relação ao branco, apontando diversas situações discriminatórias dirigidas aos mesmos. Além disso, ele também se preocupa em questionar a estrutura do discurso biológico projeto de um embranquecimento nacional. Deste modo, retoma a escrita de Lima Barreto é reatualizar sua obra com outro olhar da contemporaneidade de Luiz Silva que contextualiza o negro e consequentemente o seu lugar na sociedade.

2. DESENVOLVIMENTO

Lima Barreto viveu entre idas e vindas entre o centro urbano do Rio de Janeiro e o subúrbio da cidade maravilhosa, nestes trajetos o escritor observava a dicotomia da cidade em que se apresentava grande, majestosa para alguns e excludente e pobre para outros (a). Assim, neste cenário o escritor produzia sua obra e com um olhar crítico Lima Barreto perscruta os lugares e vai criando seus contos, crônicas e romances mostrando as condições desta sociedade da qual fazia parte. Assim, tomando esta realidade como pano de fundo para sua escrita, abordará a inserção do negro na sociedade pós-escravista do início do século XX, os conchavos políticos a vida de aparência que aquele período da *Belle époque* e suas mazelas. Tendo este aspecto espaço/tempo como fator importante da sua obra tentaremos relacioná-lo com Luiz Silva com pseudônimo Cuti.

Como citado acima, outro autor que trataremos será o Luiz Silva, pseudônimo Cuti tem sua história marcada na literatura afro-brasileira e seu histórico amplo e sua escrita negro/brasileira tem um grande repertório literário como veremos. Um dos fundadores e membro do Quilombhoje Literatura, de 1980 a 1994, e um dos criadores e mantenedores da série Cadernos Negros, de 1978 a 1993. Foi um dos membros da Comissão Nacional do “Primeiro Encontro de Encontros Negros”, que se realizou em abril de 1985, em São Paulo. Tendo vários livros lançados destacam-se *Poemas da carapinha*, 1978, *Batuque de tocaia*, 1982(poemas), *Suspensão* 1983 (Dramaturgia), *Quizila*, 1987(Contos), *A pelada peluda no Largo da Bola*, 1988. (infanto-juvenil), *Dois nós na noite e outras peças de teatro negro-brasileiro*, 1991(Dramaturgia) *Negros em conto* 1996(Contos), *Sanga* 2002 (Poesia), *Contos Crespos*2009, *Kizomba de vento e nuvem*, 2013 (Poesia), *Contos escolhidos* 2016, *Negrhúmus líricos*, 2017, *não ficção A Consciência do impacto nas obras de Cruz e Souza e Lima Barreto*, 2009, *Literatura negro-brasileira*, 2010, *Lima Barreto*, 2011, *Quem tem medo da palavra negro* 2012.

Conforme visto acima, Cuti tem várias obras no seu caminho literário que é marcado com uma escrita atual e voraz, que focaliza situações do dia a dia, porém significativas nas escolhas temáticas em que tanto o homem e a mulher negra são encenados numa perspectiva de focalizar como estes se relacionam aos aspectos comportamentais, psicológicos e identitários negros. E, como sugere Luiz Henrique Silva de Oliveira;

Nos últimos anos, Cuti vem se notabilizando não apenas como o dramaturgo militante ou o poeta do protesto negro, mas também como aquele contista atento a situações muitas vezes hilárias existentes no cotidiano dos afrodescendentes. O autor se renova e se diversifica. Sua poesia deixa-se embalar por apelos de tonalidade erótica e, mesmo, humorística. E seu ensaio, embora sem descartar a pesquisa séria e a necessidade de resgatar nomes relevantes da intelectualidade negra, volta-se igualmente para temas como o erotismo na literatura afro-brasileira contemporânea.

Tais predicados incluem os escritos do autor dentre os que instigam permanentemente a leitura e solicitam estudo e divulgação. Até porque sua fortuna crítica é relativamente escassa. Nesse momento rico em transformações no campo dos estudos literários, em que se abrem possibilidades novas para a pesquisa de autores até então

esquecidos pela crítica universitária, é preciso estudar a obra de Cuti a partir de concepções suplementares sobre a compreensão do afro-brasileiro enquanto sujeito discursivo. (OLIVEIRA, 2010, p.04)

Podemos ver que tanto Lima Barreto como Cuti são dois escritores que apesar da questão histórica e espaço/tempo propõem uma leitura mais atenta daqueles personagens que estão mais à margem da sociedade. Lima Barreto como flâneur recolherá estas estórias que muitas vezes não são consideradas tão significativas, mas em sua obra ganham outro recorte visto o quanto importante é a história daquelas e daqueles que estão a nossa volta, como homens e mulheres negros.

Desta forma, Cuti não será diferente, além de percorrer um caminho no qual busca uma negro/brasilidade em seus textos os dois autores nos mostram uma escrita que transgredi com a imagem do negro antes representada. Além disso, os autores nos exibem um sujeito ético que vão além do racismo, a escravidão e outros fatores que o circundam. Assim, além de apontar as semelhanças e distinções entre as obras dos dois escritores o relevante neste trabalho é mostrar como se dá esta escrita afro-brasileira e como Cuti e Lima Barreto encenam este cenário realista do qual apontam as problematizações de uma literatura contemporânea aos seus tempos.

Como veremos em um dos contos de Cuti “Incidente na raiz”, em que temos a história de Jussara, uma mulher negra “que pensa em ser branca” neste conto há a problematização da mulher negra que não aceita sua cor e seus traços negros como sinaliza o narrador “no cabelo crespo deu um jeito. Produto químico e fim! Ficou esvoaçante e submetido diariamente a uma drástica auditoria no couro cabeludo para evitar que as raízes pusessem as manguinhas de fora” (2008, p.118).

A história deste conto nos mostra uma mulher negra, Jussara que insisti nas mudanças de seus traços negros, como o alisamento excessivo do cabelo e várias cirurgias no nariz para o afinamento deste. Cuti, além de nos alertar para este branqueamento recorrente em algumas pessoas negras, expressa uma crítica e questionamento do negro no Brasil e sua visão “brancocêntrica” (2010, p.18, grifo do autor) que além do eu de não se enxergar enquanto negro (a) quão enfatiza Frantz Fanon;

Na maioria das discussões sobre racismo e colonialismo, há uma crítica da alteridade, da possibilidade de tornar-se o Outro. Fanon, entretanto, argumenta que o racismo força um grupo de

peças a sair da relação dialética entre o Eu e o Outro, uma relação que é à base da vida ética. A consequência é que quase tudo é permitido contra tais pessoas, e, como a violenta história do racismo e da escravidão revela, tal licença é frequentemente aceita com um zelo sádico. A luta contra o racismo anti-negro não é, portanto, contra ser o Outro. É uma luta para entrar na dialética do Eu e do Outro. (FANON, 1952, p.16).

Deste modo, a afirmação de Frantz Fanon, nos faz enxergarmos muito a personagem Jussara, que se coloca diante deste mundo embranquecido, pois esta no conto nos é apresentada assim “Jussara pensa que é branca. Nunca lhe disseram o contrário. Nem o cartório.” (SILVA, 2008, p.118) como cita Fanon, a luta contra o racismo anti-negro não é, portanto, contra ser e o Outro. É uma luta para entrar na dialética do Eu e do Outro.” (FANON, 1952, p.16). Para Jussara já é apresentado um mundo “branco”, desde o seu nascimento o qual não é o dela, porém não vemos uma negação deste e assim o seu agir não será de contraponto a que lhe é posto, ao contrário vemos na personagem Jussara esta busca incessante em “se tornar o outro ou aculturar-se, como neste trecho

O nariz, já não havia nenhuma esperança de eficácia no método de prendê-lo com pregador de roupa durante horas por dia. A prática materna não dera certo em sua infância. Pelo contrário, tinha-lhe provocado algumas contusões de vasos sanguíneos. (SILVA, 2008, p.118)

Para a professora Nilma Lino Gomes, em sua pesquisa *Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*, a pesquisadora diz que:

O corpo e o cabelo são tomados como expressões da identidade negra. A importância desses dois ícones identitários não se limita aos salões. Ambos são aspectos tomados pela cultura na construção da representação social e da beleza do negro/a na sociedade brasileira. (GOMES, 2002, p.04)

De acordo, com a professora Nilma Lino Gomes o corpo e cabelo negro são símbolos de alteridade para o homem e a mulher negra, porém, em Jussara vemos esta negação o tempo todo, a personagem no conto nega sua identidade, seus traços e a todo momento vemos que Jussara tenta apagar suas marcas identitárias negras tão presentes como descrito no conto seja mudando seus traços físicos ou alisando o cabelo até a raiz “Lá um dia veio alguém com a notícia alisamento permanente ” (SILVA, 2008, pag.119). Para a pesquisadora Nilma Lino Gomes o corpo e cabelo negros carregam em si:

A pesquisa realizada destaca o importante papel desempenhado pela dupla cabelo e cor da pele na construção da identidade negra e a importância destes, sobretudo do cabelo, na maneira como o negro se vê e é visto pelo outro, inclusive aquele que consegue algum tipo de ascensão social. Para esse sujeito, o cabelo não deixa de ser uma forte marca identitária e, em algumas situações, continua sendo visto como marca de inferioridade. (GOMES, 2002, p.05)

A partir da citação acima é que vimos em “Incidente da raiz” uma mulher negra que não se enxerga como tal, e partir daí passa por vários processos que a faz desvencilhar de sua identidade. Em contraponto ao que vemos em “Incidente da raiz”, no conto “Opiniões do Gomensoro”, o autor Lima Barreto, exalta a questão da negritude, logo no início do conto o narrador nos apresenta um dado significativo “Os negros fizeram a unidade do Brasil” (BARRETO, 2010, pág.602), ao contrário do que vemos na figura de Jussara, que é uma negação de sua ancestralidade, da sua cor e traços negróides em “Opiniões do Gomensoro”, o narrador nos mostra outro mundo que muitas vezes é colocado para debaixo do tapete que é a importância cultural, histórica dos negros aqui chegados como explicitado:

negros quando ninguém se preocupava com arte no Brasil eram os únicos (Gonzaga Arte brasileira). Os produtos intelectuais negros e brancos venham de portugueses, quer de outros países. (BARRETO, 2010, pág.602)

Vemos a partir deste trecho como o narrador explicita que quando ninguém tinha nenhuma preocupação com a arte no Brasil os negros tinham sua participação efetiva, além disso, a valorização desta cultura parte das diferentes formas e distinções para a construção cultural do Brasil. Ademais, muitas vezes valorizamos uma cultura em detrimento de outra sendo que todas contribuem para a cultura brasileira. Outro ponto questionado por Lima Barreto neste conto é a questão da inferioridade do intelecto negro posto pela sociedade:

O português que humilde entre nós é um povo valente, o fim a que se propõe obriga-o a curvar-se. Discutindo a incapacidade mental desta naquela raça, temos o ar de dizer com o poeta grego- os bárbaros, gente vil que não ama a filosofia e a ciência; ele se dirigia ao avô de Kant e ao tio de Descartes. Se a feição, o peso, a forma do crânio nada denotam quanto a inteligência e vigor mental entre indivíduos da raça branca, porque excomungar o negro? (BARRETO, 2010, pág.603)

Este trecho do conto nos mostra muito os estereótipos dos quais mulheres e homens negros sofrem, pois além do racismo, por causa da cor, ainda há o preconceito de que os negros têm uma inteligência intelectual inferior. Lima Barreto, além de questionar o porquê desta distinção, nos mostra também que por trás disto há uma crítica a este sistema em ditar uma inferioridade negra, assim o contista demonstra que todos (a) os indivíduos são iguais quando diz “Se a feição, o peso, a forma do crânio nada denotam quanto a inteligência e vigor mental entre indivíduos da raça branca, porque excomungar o negro?” (BARRETO, 2010, pág.603).

Deste modo, vemos os autores Lima Barreto e Luiz Silva trazerem para a contemporaneidade as muitas marcas da escravidão (socioeconômica e estética), que ainda perduram como barreiras para a construção identitária dos afrodescendentes na sociedade brasileira ainda tão marcada pelo racismo muito descrito nos seus poemas, contos, peças teatrais (no caso Cuti) e romances sendo temas universais que contemplam a literatura brasileira. Pois como no conto “Incidente da raiz”, a personagem Jussara é uma personificação da negação de todo um histórico de luta, resistência e políticas de enegrecimento, com suas ações de branqueamento, se comparar ao conto “Opiniões do Gomensoro”, pois neste o contista Lima Barreto nos faz um pequeno relato de valorização e inserção da cultura afrodescendente como no trecho a seguir “Os negros fizeram a unidade do Brasil” (BARRETO, 2010, pág.603), apontando a necessidade de repensarmos de como se formou a cultura brasileira, a partir do povo afrodescendente em várias partes do Brasil.

O espaço Afrodescendente na ficção de Lima Barreto e Cuti -

As semelhanças entre dois escritores nos fazem refletir que suas escritas são voltadas para estes personagens marginalizados e que sofrem na pele o racismo, a exclusão e a injustiça como destaca o professor Luiz Henrique;

A literatura produzida por afrodescendentes ressalta, nas palavras de Eduardo de Assis Duarte (2005, p. 100), “o sentido da resistência cultural e de luta ideológica [...] pois se trata de marcar posições para além do campo artístico, visando atuar na construção psicológica e cultural desse sujeito, bem como na definição de seu lugar na sociedade e na própria história”. Na configuração de uma identidade diferente daquela calcada na passividade do sujeito (MUSSA, 1989), entram em cena a celebração do orgulho étnico, ancestral, condicional, além de destacar as demandas do presente e reivindicar novos padrões de relacionamento e representação. (Oliveira, 2018, p.02)

Como exemplificado no trecho, além dos escritores citados tentarem nos mostrar outra identidade negra, também exibem como a sociedade estereotipa o corpo negro a exemplo o conto “Carreto” de Cuti, em que este nos mostra o corpo negro, dos meninos de rua que são colocados de forma pejorativa, negativa, pela sociedade tanto que o autor enfatiza “É preto e tá com a camisa do Flamengo. Alguns risos e chacotas.” (CUTI, 2012, p.149), além disso, o poeta salienta muito bem a questão espacial, exibindo como estes corpos negros são jogados na cadeia fazendo alusão aos porões do navio negreiro “uma pequena cela nos porões” (CUTI, 2012, p.151). Em “ Carreto” o narrador descreve a vida de um menino de treze anos do qual o meio de sobrevivência é levar compras de feira para ganhar um dinheiro e sustentar a família

O carrinho vai parando. A roda dianteira no ar, suspensa, gira livremente. Segue a Avenida Corifeu de Azevedo Marques, interrompida por escavações para saneamento básico. Entre buracos e montes esparsos de terra e asfalto destruído, empurra sustentando as alças de madeira, que rolimãs sem asfalto não deslizam. Pés descalços, ele vai com a esperança de conseguir trabalho. Sente adulto aos 13 anos. Pensa na doença do irmão. Está resoluto: “ Vou conseguir o remédio.” (CUTI, 2012, p.148)

Com o trecho acima percebemos como o autor em pequenas linhas nos mostra a realidade de alguns jovens negros nas ruas de São de Paulo, uma metonímia deste fato que ocorre em vários lugares. Interessante observar que o escritor se faz das ruas e bairros de periferia para a constituição deste espaço de empobrecimento, descaso em que as ruas são emburracadas como descreve o narrador “interrompida por escavações para saneamento básico. Entre buracos e montes esparsos de terra e asfalto destruído, empurra sustentando as alças de madeira, que rolimãs sem asfalto não deslizam.” (CUTI, 2012, p.148). Além disso, este mostra como estes meninos logo cedo, assumem responsabilidades de gente grande, pois logo aos 13 anos assumem as contas da casa e assim os encargos que esta compete “Na rua principal de acesso à feira, muitos garotos oferecem serviço têm idades variadas. São movidos pela responsabilidade que a pobreza lhes impõe.” (CUTI, 2012, p.149), outro ponto que o escritor ressalta é os estereótipos dos quais cercam estes meninos, por serem apelidados em “Ô, negrinho” “Pelezico” “Macacos”, nunca pelo nome, mas suas identidades é marcada pela cor da pele, sendo meninos negros, como qualquer outro são nomeados assim, “Depois, mandam-no para o “chiqueirinho”, um pequena cela um porão, já com a alcunha de “Pelezico”, que o

investigador alardeia, diante dos outros presos, acrescentando: É preto e tá com a camisa do Flamengo. Alguns risos e chacotas.” (CUTI, 2012, p.149),

Assim, como Cuti Lima Barreto mostra esta realidade, da desigualdade, do preconceito que muitas vezes é ignorada pela sociedade. No conto “O filho de Gabriela”, ambientado no Rio de Janeiro de finais do século XIX e começo do século XX, neste o autor narra a história de Horácio, filho de Gabriela, que foi apadrinhado pelos patrões da mãe, ainda criança. Logo no início do conto vemos a dificuldade para estas mulheres domésticas em criar seus filhos, mulheres estas sem dinheiro e condições que são submetidas à humilhação, destrato e na necessidade do trabalho deixam seus filhos (a), com outras pessoas e além disso, como neste diálogo entre patroa e empregada em que esta última interpela a sua “ama” que a libere mais cedo para cuidar do filho;

Absolutamente não pode continuar assim... Já passa... É todo o dia! Arre! — Mas é meu filho, minh'ama. E que tem isso? Os filhos de vocês agora têm tanto luxo. Antigamente, criavam-se à toa; hoje, é um deus-nos-acuda; exigem cuidados, têm moléstias... Fique sabendo: não pode ir amanhã! — Ele vai melhorando, Dona Laura; e o doutor disse que não deixasse de levá-lo lá, amanhã... — Não pode, não pode, já lhe disse! O conselheiro precisa chegar cedo à escola; há exames e tem que almoçar cedo... Não vai, não senhora! A gente tem criados pra que? Não vai, não ! — Vou, e vou sim !... Que bobagem!... Quer matar o pequeno, não é? Pois sim... Está-se "ninando"... — O que é que você disse, heim — É isso mesmo: vou e vou! — Atrevida . — Atrevida é você, sua... Pensa que não sei... (BARRETO, s/d, p.01)

Nesta cena, observamos um ato de desespero e desobediência da empregada que implora a sua senhora a saída para levar o filho ao médico, vemos o diálogo curto, porém com marcas significativas como a forma em que a patroa trata com indiferença, maus-tratos e até preconceito quando se refere a sua empregada assim “Atrevida . — Atrevida é você, sua... Pensa que não sei...” haja vista que o autor tenta mostrar a questão da subalternidade, destas mulheres que muitas vezes não tem voz e são submetidas aos caprichos e desmandos de seus senhores(a) para garantir seu emprego como destaca este trecho “Em seguida as duas mulheres se puseram caladas durante um instante” (BARRETO, s/d, p.01). Assim, com estes dois silêncios diferentes o autor nos mostra estas duas mulheres uma contrariada com a empregada e pensativa nos seus dissabores afetivos, e a criada por toda aquela situação “Na sua simplicidade popular, a

criada também se pôs a chorar, enternecida pelo sofrimento que ela mesma provocara na ama” (BARRETO, s/d, p.02).

Desta maneira, com uma escrita crítica o autor nos mostra dois espaços diferentes personificados nestas duas personagens, pois vemos em Laura o lado da opulência, de uma sociedade de aparências em que algumas mulheres se casam por conveniência e interesse, e até mesmo um lado de opressão na questão patroa x empregada, como visto anteriormente e o lado de Gabriela em que estas mulheres sofridas que além de carregarem em si o peso do preconceito, das injúrias da vida e o espaço de mulheres da subserviência, de mulheres empregadas que lutam para darem conta do trabalho delas e cuidarem dos filhos, exemplo;

Durante um mês, Gabriela andou de bairro em bairro, à procura de aluguel. Pedia lessem-lhe anúncios, corria, seguindo as indicações, a casas de gente de toda a espécie. Sabe cozinhar? perguntavam. — Sim, senhora, o trivial. — Bem e lavar? Serve de ama? — Sim, senhora; mas se fizer uma coisa, não quero fazer outra. — Então, não me serve, concluía a dona da casa. É um luxo... Depois queixam-se que não têm aonde se empreguem... Procurava outras casas; mas nesta já estavam servidas, naquela o salário era pequeno e naquela outra queriam que dormisse em casa e não trouxesse o filho. A criança, durante esse mês, viveu relegada a um canto da casa de uma conhecida da mãe. Um pobre quarto de estalagem, úmido que nem uma masmorra. De manhã, via a mãe sair; à tarde, quase à boca da noite, via-a entrar desconfortada. Pelo dia em fora, ficava num abandono de enternecer. A hóspede, de longe em longe, olhava-o cheia de raiva. Se chorava aplicava-lhe palmadas e gritava colérica: " Arre diabo! A vagabunda de tua mãe anda saracoteando... Cala a boca, demônio! Quem te fez, que te ature..." Aos poucos, a criança torrou-se de medo; nada pedia, sofria fome, sede, calado. (BARRETO, s/d, p.03).

Neste primeiro ato Lima Barreto nos apresenta a história de Laura e Gabriela, como uma forma de nos realçar a história destas mulheres mostradas em sua escrita e suas diversas formas de ser e estar no tempo e espaço como ele bem realça em seus contos e romances. Deste modo, o segundo momento do conto mostrará como seguirá o filho de Gabriela na casa de Laura, pois depois de algum tempo desempregada e vagando pelas ruas Gabriela retornará para a casa da patroa e esta acolherá seu filho, batizando-o com o nome Horácio, o qual acabará se tornando seu afilhado porque Gabriela vem a falecer.

Pouco depois a mãe lhe morria. Até então vivia numa semidomesticidade. Daí em diante, porém, entrou completamente na família do Conselheiro Calça. Isso, entretanto, não lhe retirou a taciturnidade e a reserva; ao contrário, fechou— se em si e nunca mais teve crises de alegria. Com sua mãe ainda tinha abandonos de amizade, efusões de carícias e abraços. Morta que ela foi, não encontrou naquele mundo tão diferente, pessoa a quem se pudesse abandonar completamente, embora pela madrinha continuasse a

manter uma respeitosa e distante amizade, raramente aproximada por uma carícia, por um afago. Ia para o colégio calado, taciturno, quase carrancudo, e, se, pelo recreio, o contágio obrigava-o a entregar-se à alegria e aos folguedos, bem cedo se arrependia, encolhia-se e sentava-se, vexado, a um canto (BARRETO, s/d, p.03).

Interessante, notar neste II ato em que Lima Barreto privilegiará a figura do filho de Gabriela, Horácio, mostrando sua personalidade, seu modo de agir e estar neste espaço que este ocupava na casa dos padrinhos. Mesmo sendo acolhido pelos patrões de sua mãe e com isso adquirido o afeto e carinho de Laura observamos que Horácio não consegue se ver neste lugar ou usufruir com alegria e espontaneidade na casa de seus padrinhos como cita o narrador:

Com sua mãe ainda tinha abandonos de amizade, efusões de carícias e abraços. Morta que ela foi, não encontrou naquele mundo tão diferente, pessoa a quem se pudesse abandonar completamente, embora pela madrinha continuasse a manter uma respeitosa e distante amizade, raramente aproximada por uma carícia, por um afago.(BARRETO, s/d, p.03).

Além da questão afetiva notamos o quanto Horácio não se encontrava naquele mundo, por mais que estudava em um colégio bom e trabalhando em lugar que seu padrinho o indicou. Horácio tem em si a marca da subalternidade e servidão que o cercava de várias formas como no episódio em que uma senhora no portão de sua casa o distingue daquele âmbito:

Uma tarde, quando isso ia fazer, encontrou Dona Laura atendendo a uma visita. Vendo-o entrar e falar à dona da casa, tomando-lhe a bênção a senhora estranha perguntou: "Quem é este pequeno?" — "E meu afilhado", disse-lhe Dona Laura. "Teu afilhado? Ah! sim! É o filho da Gabriela..." Horácio ainda esteve um instante calado, estatelado e depois chorou nervosamente. (BARRETO, s/d, p.06).

Lima Barreto nos mostra, especificamente nesta cena, como se o negro tivesse seu lugar e espaço pré-determinado na sociedade, pois dar-se exemplo desta mulher que ao ver Horácio o hostiliza e menospreza o diferenciando daquele lugar, e que como sendo negro logo o distingue dali o recriminando pela cor, o rebaixando pelo seu não pertencimento a aquele espaço e Horácio em sua insignificância se recolhe diante da situação.

Dessa forma, como nos contos analisados vimos que Lima Barreto e Cuti tentam nos mostrar em suas escritas situações em que muitas vezes o negro é colocado em lugares de subalternidade e exclusão, além disso a forma crítica desta escrita é um ato de quebra a este pensamento que desde a escravidão perpetua em algumas circunstâncias ainda hoje na sociedade.

Conclusão

Podemos concluir que Lima Barreto assim como Luiz Silva tenta nos mostrar em suas escritas a realidade de pessoas periféricas que muitas vezes são subjugadas pela sociedade, e marcadas pela cor, desigualdade e o mundo que os cercam. E, as semelhanças entre dois escritores nos fazem refletir que suas escritas voltadas para estes personagens marginalizados e que sofrem na pele o racismo, a exclusão e a injustiça assim o papel destaca o professor Luiz Henrique;

A literatura produzida por afro descendentes ressalta, nas palavras de Eduardo de Assis Duarte (2005, p. 100), “o sentido da resistência cultural e de luta ideológica [...] pois se trata de marcar posições para além do campo artístico, visando atuar na construção psicológica e cultural desse sujeito, bem como na definição de seu lugar na sociedade e na própria história”. Na configuração de uma identidade diferente daquela calcada na passividade do sujeito (MUSSA, 1989), entram em cena a celebração do orgulho étnico, ancestral, condicional, além de destacar as demandas do presente e reivindicar novos padrões de relacionamento e representação. (Oliveira, 2018, p.02)

Portanto vemos como os dois autores trabalham o espaçamento identitário em suas obras mostrando seus personagens de forma contundente uma realidade do negro, seja no âmbito do século XX em plena Nova República, que é a escrita de Lima Barreto, ou a imagem do negro na sociedade do século XXI na escrita de Luiz Silva, Cuti.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Lima. *Contos completos de Lima Barreto*. Companhia das Letras, 2010.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Brasil afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- MUNANGA, Kabengele. *Origens africanas do Brasil contemporâneo: Histórias, línguas, culturas e civilizações*. 3^o Ed. São Paulo. Gaudí editorial, 2012.
- OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. *Poéticas negras: representações do negro em Castro Alves e Cuti*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de . **A poética de Cuti e a configuração do sujeito literário afro-brasileiro**. Disponível em <www.lettras.ufmg.br/literafro> acesso 23/12/22. p.01-03.
- QUINTÃO, Daniel Rochebois. *O IDEAL DE FORMAÇÃO DO HOMEM DE LETRAS EM LIMA BARRETO: Recordações do Escrivão Isaías Caminha, Triste Fim de Policarpo Quaresma e Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá sob a perspectiva do romance de formação*. 2017. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
- SILVA, Riverson da. LOPES, Elisângela. *Lima Barreto e a Literatura Afro-brasileira o preconceito social e étnico nas malhas da ficção*. Disponível em <www.lettras.ufmg.br/literafro> acesso 23/12/22
- SILVA, Luiz. *Negros em contos*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1996. (Contos)
- SILVA, Priscila Cardoso de Oliveira. *Desvelando o racismo no conto “O pecado”, de Lima Barreto*. Disponível em <www.lettras.ufmg.br/literafro> acesso 02/22/22. p.01-08
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Contos completos de Lima Barreto*. Companhia das letras, 2010. (Contos)
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: Triste visionário*. 1.ed. Companhia das letras, 2017.